

INTERVENÇÃO PSICOTERAPÊUTICA COM AGRESSOR CONJUGAL: UM ESTUDO DE CASO¹

Ricardo da Costa Padovani*
Lúcia Calvacanti de Albuquerque Williams

RESUMO. A violência doméstica é um fenômeno complexo, afetando famílias indistintamente. O objetivo deste trabalho consistiu em oferecer um atendimento psicológico de forma a reduzir o comportamento violento do marido à esposa. O cliente tinha o terceiro grau completo, pertencendo à classe média alta. O trabalho foi desenvolvido na sala de Psicologia da Delegacia da Mulher. Foram realizadas 15 sessões durante 6 meses. Os instrumentos de coleta de dados envolveram as técnicas Entrevistas com agressor, Questionário sobre crenças, Escala de auto-estima, Inventário de depressão, Escala de tática de conflito. As técnicas consistiram de: tarefa de casa, registro de comportamentos violentos/pensamentos que desencadeavam agressões, técnicas de autocontrole, auto-aplicação de *time-out*, manejo de raiva, análise de pensamentos disfuncionais, treino de assertividade, relaxamento, *role-play*, leitura/discussão de textos. Durante o atendimento houve um episódio de agressão à esposa, de proporção menor, se comparado a anteriores. O cliente não apresentou episódios de violência à esposa nos dois meses subsequentes ao término da intervenção.

Palavras-chave: violência doméstica, agressor, intervenção clínica.

PSYCHOTHERAPY INTERVENTION WITH A BATTERER: A CASE STUDY

ABSTRACT. Domestic violence is a complex phenomenon which indistinctly affects families. The goal of this work consisted in eliminating the violent behavior of a male batterer. The client was an upper-middle class man who had a University education. The intervention took place at the Psychology Office of the Woman's Police Station. Fifteen sessions were held over a period of six months. Assessment instruments involved: Interviews with Batterer, Questionnaire about Domestic Violence Beliefs, Self-esteem scales, Beck depression Inventory and the Conflict Tactics Scale. Intervention techniques involved: homework, self-recording of violent behavior and thoughts that triggered aggression, self-control techniques, time-out, anger management, analysis of dysfunctional thoughts, assertiveness training, relaxation, role-play and readings followed by discussion. Throughout the psychological intervention there was only one episode of aggression which was of minor proportion compared to previous ones. The client did not present any violent behaviors in a two months follow-up.

Key words: domestic violence, aggressor, psychotherapy.

A violência doméstica é um fenômeno complexo, que afeta famílias de todas as raças e níveis socioeconômicos (Rynerson & Fishel, 1993; Saffioti, 1997). Pouco se fala a respeito deste tipo de violência, provavelmente pela crença de que o lar é um lugar seguro onde se pode crescer e aprender com afeto e carinho. Entretanto, na realidade o que se observa é uma permissividade para o

comportamento agressivo do homem no âmbito intrafamiliar (Sinclair, 1985).

Um aspecto muito característico nos agressores é a tendência à minimização da agressão e negação do comportamento agressivo, culpando a vítima pelo comportamento emitido (Hamberger & Holtzworth-Munroe, 1999; Faulkner, Stoltenberg, Cogen, Nolder & Shooter, 1992; Sinclair, 1985; Rynerson & Fishel,

¹ Trabalho apresentado em 2001 no X Encontro da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental (pp.138-139). Campinas: Papirus Editora.

* Universidade Federal de São Carlos. CECH. Departamento de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Educação Especial. LAPREV (Laboratório de Análise e Prevenção da Violência).

Endereço para correspondência: Ricardo da Costa Padovani, Rua: Voluntários da Pátria, 2717 apto. 161, 14801-320, Araraquara – SP. E-mail: ricardopadovani@yahoo.com.br

1993; Gondolf, 1993). Contribuindo para a ocorrência e perpetuação dos comportamentos agressivos do homem dentro da família estão a convivência e, de certa forma o estímulo, por parte da sociedade, à exibição de força e agressividade masculinas (Sinclair, 1985), demonstrando a visão patriarcal que esta mesma sociedade ainda possui de família. O fato de esta agressão ser dirigida estritamente à companheira revela, adicionalmente, a discriminação da sociedade com relação à mulher, principalmente quando esta se encontra na posição de esposa (Sinclair, 1985; Saffioti, 1997). Ao se analisar o perfil do agressor, observa-se que este não faz parte de um grupo homogêneo e que uma parcela significativa apresenta baixa auto-estima, depressão e ansiedade (Hamberger & Holtzworth-Munroe, 1999).

A visão de que o comportamento agressivo é aprendido (Bandura, 1973) possibilita a elaboração de um programa de intervenção para conter o comportamento violento.

O objetivo do presente estudo consistiu em prestar um atendimento psicológico individual a um homem com um longo histórico de agressões à mulher, de modo a reduzir seu comportamento violento tanto em frequência quanto em intensidade.

MÉTODO

Sujeito

Orlando (nome fictício) era um homem de 52 anos, casado havia 23 anos, tendo três filhos: um do sexo masculino (24 anos) e duas jovens gêmeas (19 anos). O filho cursava faculdade particular em outra cidade e as filhas moravam com os pais. Era profissional liberal (área de saúde), pertencente à classe média alta.

Local do atendimento

Foi utilizada a Sala de Psicologia da Delegacia de Defesa da Mulher (DDM) de São Carlos, descrita no Programa de Intervenção a Vítima de Violência (Williams, Gallo, Maldonado, Brino & Basso, 2000), em que estagiários do curso de Graduação de Psicologia da UFSCar prestam atendimento psicoterapêutico a mulheres agredidas e suas famílias (Williams, 2001).

Instrumentos de coleta de dados

Para realização da coleta de dados utilizou-se: *a*) entrevista individual com agressor (Williams, 1998), contendo questões sobre os seguintes tópicos:

descrição do incidente que deu origem à queixa, histórico da violência, relacionamento com a parceira/filhos, estado emocional e saúde do cliente e informação sobre sua infância; *b*) Questionário sobre Crenças de Violência Doméstica (Williams; Gallo; Maldonado; Brino & Basso, 2000) contendo questões do tipo verdadeiro-falso, como por exemplo: *Se uma mulher apanhou, alguma coisa ela fez.*; *c*) Escala de Auto-Estima (Rosenberg, 1965); *d*) Inventário de Depressão de Beck (BID- Beck, Rush, Shaw & Emery, 1979; Echeburúa, 1997); *e*) uma tradução da Escala de Tática de Conflito - CTS-2 (Straus, Hamby, Boney-McCoy & Sugarman, 1996), instrumento frequentemente utilizado na América do Norte para medir episódios de violência.

Procedimento

A intervenção psicoterápica foi fundamentada em uma abordagem cognitivo-comportamental, em que o trabalho de grupo de O' Leary, Heyman & Neidig (1999) foi adaptado para o atendimento individual. A intervenção teve duração de seis meses, sendo realizadas 15 sessões de cerca de uma hora cada.

As técnicas utilizadas consistiram de: tarefa de casa (fazer relaxamento, praticar assertividade), auto-registro de comportamentos violentos (antecedente, ocorrência de violência, conseqüente), registro de pensamentos que desencadeavam agressões (acontecimentos que desencadeavam raiva, pensamentos que teve e o que fez em seguida), técnicas de autocontrole (substituição de pensamentos "quentes" que desencadeavam agressões por pensamentos "frios", que a dissipavam), auto-aplicação de *time-out* (sair de casa quando percebia que estava perdendo o controle), manejo de raiva (discriminações de mudanças corporais), estratégias de controle de estímulo associadas ao comportamento violento (exemplo: discutir sobre dinheiro apenas em locais públicos, onde o comportamento violento não era desencadeado), análise de pensamentos disfuncionais, técnicas de combate à depressão (exercício físicos, lazer, enfrentamento de verbalizações pessimistas), treino de assertividade, relaxamento muscular progressivo, *role-play* e leitura sobre a temática da violência doméstica seguida por discussão. O material utilizado para leitura foram trechos descrevendo o "Ciclo da Violência" de Walker (1979) e sobre efeitos da punição (Sidman, 1995).

Transcorridos dois meses do término da intervenção, Orlando telefonou para o primeiro autor para dar *feedback* sobre seu desempenho. A obtenção de tal informação, embora não inicialmente planejada, foi utilizada como medida de *follow-up*.

Breve descrição do caso

Joana (nome fictício), 46 anos, mulher de Orlando, procurou o Serviço de Psicologia na DDM com a queixa de agressão física e psicológica do marido. Na ocasião, Orlando disse à esposa que ela era “louca”, que “não prestava” e que ele iria até a DDM dizer à delegada quem realmente era Joana. Após ela ter iniciado o acompanhamento psicoterapêutico (cerca de um mês), Orlando aceitou o convite para fazer psicoterapia. O atendimento a Orlando foi feito pelo primeiro autor (na época aluno do 5º ano de Psicologia) e supervisionado pela segunda autora. O atendimento à sua mulher continuou paralelamente ao atendimento de Orlando, sendo que outra estagiária atuou como terapeuta desta. As filhas foram encaminhadas para terapia individual com os demais membros da equipe. O filho se recusou ao atendimento, apesar de Joana descrever episódios de agressão do mesmo à namorada, afirmando que seu filho estava apresentando comportamentos muito semelhantes ao de Orlando: “ele está indo para o mesmo caminho”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as primeiras entrevistas foram coletados dados que permitiram uma descrição do histórico de violência de Orlando. O cliente relatou ter recebido uma educação rígida e autoritária, sendo vítima de violência doméstica quando criança (o pai o agredia, bem como a seus irmãos e sua mãe). Mencionou que desde criança fora “educado” com base em castigos corporais e que “*aprender era sinônimo de apanhar*”.

A violência teve início no primeiro ano de casamento, quando Orlando deu um tapa no rosto de sua esposa, que ficou desacordada, sendo levada ao pronto-socorro. Orlando reconheceu que também era violento com outras pessoas, destacando um episódio em que se envolveu em um acidente de carro e acabou agredindo o motorista que atingiu seu veículo, fraturando-lhe o braço. Hultzworth- Munroe, Rehman & Herron (2000), em sua tipologia sobre homens violentos no relacionamento conjugal, identificaram a existência de um subgrupo que apresenta comportamentos violentos fora do relacionamento conjugal, tal como o cliente em questão.

Orlando apontou como principais dificuldades em seu relacionamento lidar com a questão financeira (afirmava que a esposa não sabia administrar o dinheiro) e a falta de comunicação do casal. Verbalizava que gostava da esposa e, principalmente, admitia que agredia sua mulher, apesar de considerar

inadequado tal comportamento. Seus amigos sabiam de sua agressão à esposa, mas não falavam a respeito.

As agressões físicas à mulher geravam desconforto ao cliente, que destacava não ser esta uma atitude “normal”. Culpava-se por não conseguir controlar seu comportamento violento. Relatou: *O poder de provocação de minha mulher supera meu poder de agressão*. Indicou ser impulsivo e com baixa resistência à frustração: *“Não é que meu pavio é curto. Eu não tenho pavio”*.

Uma análise do desempenho de Orlando na Escala de Tática de Conflito (CTS-2) permitiu uma quantificação da violência empregada e descrita por ele no ano anterior ao do atendimento. Para este trabalho foram analisados os seguintes itens do CTS-2: violência física, violência psicológica e ferimentos produzidos pelo parceiro.

A tabela a seguir permite visualizar os escores atribuídos por Orlando a si mesmo no CTS-2, e os escores atribuídos por Joana a seu marido, de forma a se avaliar a fidedignidade de ambos os relatos.

Tabela 1. Escores obtidos na Escala de Tática de Conflito (CTS-2) segundo avaliações do cliente e de sua esposa.

	Violência física	Violência psicológica	Ferimentos produzidos pelo parceiro
Orlando	24	21	2
Joana	25	18	10

Os dados mostram que o casal apresentou atribuições próximas na escala nos itens referente à violência física e psicológica. Entretanto, em relação a ferimentos produzidos pelo parceiro houve uma acentuada disparidade entre o auto-relato do casal, sendo que Orlando, aparentemente, minimizou este aspecto de seu comportamento violento, indicando apenas dois ferimentos, ao passo que Joana identificou 10. Tal disparidade pode ser, possivelmente, explicada pelo fato de ser muito aversivo (socialmente indesejável) admitir que se tenha ocasionado ferimentos na parceira. De qualquer modo, cabe acrescentar que a literatura afirma que marido e mulher concordam apenas moderadamente em relatos sobre a ocorrência de agressão física (Arias & Beach, 1987).

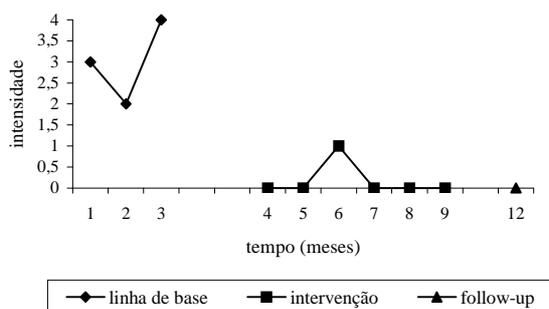
A Escala de Rosenberg (1965) indicou baixa auto-estima por parte de Orlando. Ao se analisar com o cliente as possíveis variáveis que poderiam ter influenciado seu baixo desempenho na escala, Orlando identificou três eventos na sua história de vida: não ter passado no vestibular no curso de sua primeira escolha e, conseqüentemente, ter seguido

outra carreira, além do fato de não se considerar um “marido regular”.

No inventário BID (Beck, Rush, Shaw, Emery, 1979; Echeburia, 1997) foi constatado depressão moderada. Em consequência, Orlando foi encaminhado para uma avaliação psiquiátrica, não tendo sido prescrito controle medicamentoso.

No decorrer do atendimento, Orlando faltou apenas três vezes, sendo duas das faltas justificadas. Esse dado evidencia o estabelecimento do vínculo terapêutico, o que é fundamental para o progresso do cliente.

A Figura 1 a seguir ilustra os dados de auto-registro do cliente quanto à intensidade de sua agressão no decorrer do estudo. As categorias relativas ao nível de intensidade da agressão foram elaboradas a partir da análise dos dados fornecidos na entrevista inicial e no CTS-2. Os dados relativos à linha de base foram referentes aos episódios agressivos ocorridos nos três meses que antecederam a intervenção.



Nível de intensidade da agressão: *Nível 1:* tapa, gritar; *Nível 2:* empurrar, agarrar, xingar; *Nível 3:* torcer braço, jogar contra a parede, puxar cabelo, ameaçar de morte; *Nível 4:* surrar, esmurrar, chutes, luxação, ida ao médico em função da agressão.

Figura 1. Intensidade da agressão do cliente ao longo do estudo.

Os dados revelam uma redução significativa da intensidade e frequência dos episódios de violência física à esposa, bem como manutenção dos ganhos terapêuticos verificados no *follow-up*. Um intervalo mais longo de *follow-up* seria recomendado, porém tal iniciativa nem sempre é possível em trabalhos como este.

Ao longo da intervenção o cliente alterou suas verbalizações, que passaram a ser mais adequadas. Eis alguns exemplos de verbalizações inadequadas sobre violência que foram trabalhadas em terapia:

O homem não gosta de bater na mulher, é a mulher que gosta de apanhar.

Às vezes dar uns tapas é uma forma de educar.

Fui obrigado a agredir, pois ela não mede as palavras.

Orlando reconheceu que, em muitas situações, não tinha controle sobre sua raiva e que precisava de ajuda para que seus atos violentos não atingissem proporções mais graves. Relatou ter passado a utilizar a técnica de *time-out*, retirando-se da situação quando percebia que perderia o controle (em uma ocasião, ficou por três dias na casa de sua mãe para acalmar-se). Paralelamente, sua mulher discutia em terapia estratégias úteis no sentido de autoproteção e prevenção de violência, sendo estimulada a dar apoio às estratégias de autocontrole utilizadas por Orlando.

Seguem-se alguns exemplos de verbalizações que indicavam mudança por parte de Orlando quanto à prevenção de atos violentos:

Ela (referindo-se a Joana) veio com tudo, veio com pedras, mas consegui me conter.

Ao longo do atendimento houve um episódio de violência (um tapa, no terceiro mês da intervenção), sendo este episódio de proporção menor, se comparado aos episódios anteriores de agressão. Apesar desse incidente, o resultado geral é positivo tendo-se em vista o tempo do comportamento violento no núcleo familiar (aproximadamente 23 anos). Esposa e filhos corroboraram os dados de auto-registro do cliente, notando esforços em controlar seu comportamento violento e vendo-o menos agressivo.

Na última sessão, Orlando destacou: *A agressão fazia parte da disciplina que recebi do meus pais, hoje eu sei que não vale a pena.* Dois meses após o término do atendimento, Orlando telefonou ao primeiro autor, relatando ausência de episódios de agressão. Apesar da eliminação dos episódios de violência física, o casal continuou apresentando dificuldades de relacionamento, com frequentes discussões. Desta forma, foram encaminhados para terapia de casal.

O presente estudo de caso parece indicar que é possível reverter um quadro de violência conjugal existente há 23 anos utilizando-se técnicas e estratégias adequadas. Trata-se de um esforço pioneiro, pois não se encontrou relato semelhante na literatura nacional pesquisada. Mais esforços, no entanto, são necessários para pesquisas sistemáticas de variáveis úteis à intervenção. Após a experiência com este estudo de caso, o primeiro autor desenvolveu um atendimento em grupo com agressores (Padovani, Cortez & Williams, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arias, I. & Beach, S.R.H. (1987). Validity of self-reports of marital violence. *Journal of family violence*. 2 (2), 139-149.
- Bandura, A. (1973). *Aggression: A social learning analysis*. Englewood Cliffs, N.J.: Prentice Hall.
- Beck, A.T., Rush, A.J., Shaw, B.F. & Emery, G. (1979). *Cognitive therapy of depression: A treatment manual*. New York: Guilford Press.
- Echeburúa, E. (1997). *Vencendo a Timidez*. São Paulo: Ed. Mandarin.
- Faulkner, K., Stoltenberg, C. D., Cogen, R., Nolder, M. & Shooter, E. (1992). Cognitive-Behavioral Group Treatment for Male Spouse Abuse. *Journal of Family Violence*. 7 (1), 37 - 55.
- Gondolf, E. W. (1993). Male Batterers. Em R.L. Hampson, T.P. Gullotta, G.R. Adams, E.H. Polter III & R.P. Weissberg (Orgs.), *Family Violence: Prevention and Treatment* (pp. 230-257). Newbury Park: Sage.
- Hamberger, L.K., & Holtzworth-Munroe, A. (1999). Partner Violence. Em F.M. Dattilio & A. Freeman (Orgs.), *Cognitive Behavioral Strategies in Crisis Intervention* (pp. 302-324). New York: The Guilford Press.
- Munroe-Holtzworth, A., Rehman, U. & Herron, K. (2000). General and spouse-specific anger and hostility in subtypes of maritally violent men and nonviolent men. *Behavior Therapy*. 31, 603-630.
- O'Leary, K.D., Heyman, R.E. & Neidig, P.H. (1999). Treatment of wife abuse: A comparison of gender-specific and conjoint approaches. *Behavior Therapy*. 30, 475-505.
- Padovani, R.C., Cortez, M.B. & Williams, L.C.A. (2001). Grupo terapêutico com homens que agredem fisicamente suas parceiras. *Trabalho apresentado no IX Congresso de iniciação científica* (CD-ROM). São Carlos: Universidade Federal de São Carlos.
- Rosemberg, M. (1965). *Society and the adolescent self image*. Princeton: Princeton University Press.
- Rynerson, B.C. & Fishel, A.H. (1993). Domestic violence prevention training: Participant characteristics and treatment outcomes. *Journal of Family violence*. 8, 253-267.
- Saffioti, H.I.B. (1997). Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. Em M. Kupstas (Org.), *Violência em debate* (pp. 39-57). São Paulo: Editora Moderna.
- Sidman, M. (1995). A punição funciona. (M.A. Andery e T.M. Sério, Trad.), *Coerção e suas implicações* (pp. 80-85). Campinas: Editorial Psy. (Trabalho original publicado em 1989).
- Sinclair, D. (1985). *Understanding wife assault: A training manual for counselors and advocates*. Toronto: Publications Ontario.
- Straus, M. A., Hamby, S. L., Boney-McCoy, S. & Sugarman, D.B. (1996). The revised Conflicts Tactics Scale (CTS2). *Journal of Family Issues*. 17, 283-316.
- Walker, L. (1979). *The Battered Woman*. New York: Harper and Row.
- Williams, L.C.A. (1998). Entrevista a vítimas de violência. Roteiro de entrevista não publicado. *Material destinado ao uso interno do Laboratório de Prevenção à Violência* (LAPREV). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- Williams, L.C.A. (2001). Violência Doméstica: Há o que fazer?. Em: H.J. Guilhardi, P.P. Queiroz, N.B.B.P. Pinho & A.L. Scoz (Orgs.), *Comportamento e cognição* (pp. 01-12). Santo André: ESETEC Ed. Associados.
- Williams, L.C.A., Gallo, A.E., Maldonado, D.A., Brino, R.F. & Basso, A.F.T. (2000). Oficina de psicologia para policiais da Delegacia da Mulher: Um relato de experiência. *Psicologia: Teoria e Prática*. 2, 103-119.

Recebido em 10/05/2002

Revisado em 13/08/2002

Aceito em 30/10/2002